

Resumo

Este artigo discute possibilidades de investigações no campo da educação e da arte tendo em vista aprendizagens em processo. A Investigação Baseada nas Artes é pensada como um possível caminho para o desenvolvimento de uma pesquisa que tem como foco as visualidades cotidianas, fazendo com que relações entre escrita, imagens e percursos urbanos provoquem rupturas nas lógicas lineares do saber, se abrindo às imprevisibilidades de aprender pela própria ação de escrever uma tese.

Palavras-chave: aprendizagem; pesquisa; educação; visualidades; percursos urbanos.

Abstract

This paper discusses investigation possibilities at art and education fields, aiming at the idea of learning in the making. Arts-Based Investigation is a possible path to the development of a research that focuses daily visualities. It takes the relations between writing, images and urban percourses and makes them provoke ruptures at the linear logics of knowing, along with an opening to the unpredictability of learning through the action of writing a thesis.

Keywords: learning; research; education; visualities; urban percourses.

1 Aprendizagem em processo

Existe uma ideia de aprendizagem, principalmente quando voltada aos conteúdos de ensino formal, que acaba vinculando o aprender a funções da memória, como adquirir informações e reproduzi-las. Ainda que as abordagens estejam mudando e o ensino cada vez mais se direcione para experiências cotidianas e contextualizadas, os métodos de constatação dos conhecimentos dos estudantes continuam sendo sua capacidade de lembrar, em um teste, as respostas corretas para determinadas perguntas.

Por outro lado, fora do ambiente escolar e de seus conteúdos obrigatórios, é comum dizermos que queremos aprender algo quando somos afetados por uma atividade que desejamos experimentar. A ideia de aprendizagem, quando voltada aos interesses cotidianos, parece adquirir ares prazerosos, como sinônimos de 'aproveitar a vida', de deixar-se envolver por algo diferente do que estamos acostumados. E por que não utilizarmos essa noção para pensar as possibilidades vivas do aprender em todos os percursos nos quais nos envolvemos? Por que não fazer viva e em processo a aprendizagem de fazer pesquisa?

Aprender a andar de bicicleta, aprender a dançar, aprender a falar outra língua é mais do que memorizar gestos, passos e palavras, é adentrar os signos de certos acontecimentos para que possamos fazer mais do que nos é ensinado, para que



possamos fazer algo acontecer. São aprendizagens produzidas nos encontros, que não se aplicam a um saber específico, ao passo que se modificam a cada nova experiência. Nada impede que essas aprendizagens se deem em uma escola, na presença de um professor, mas elas jamais serão medidas através de uma prova, pois carregam rastros, intensidades, e não formas apreendidas.

Pensar a aprendizagem a partir de afetos, como exploram Deleuze (DELEUZE;PARNET, 1998), envolve atravessamentos múltiplos dados em torno dos acontecimentos vividos. Não é uma aprendizagem que se dá pela reprodução de um saber passado, mas uma produção de linhas que ultrapassam o objeto do saber, conectando-o a outras sensações e produzindo algo singular e inesperado, movimentando nossos corpos curiosos e alimentando o desejo de pesquisar, de dizer diferente do que já foi dito. Neste artigo venho discutir sobre alguns possíveis caminhos de desenvolvimento de pesquisas que sejam também aprendizagens em processo, onde visualidades e narrativas cotidianas sejam elementos vivos e moventes no transcorrer de uma escrita investigativa.

2 Desprender para aprender

Sendo a aprendizagem acontecimento e não forma definida, ela não trata do saber ou do apreender, mas do desprender (SCHÉRER, 2005). Aprender, quando tomado enquanto processo, enquanto experiência de viver algo diferente, está em desprender-se de preceitos que nos fixam nos lugares de quem ensina, consome, media, pratica uma ação específica em lugares específicos para pensar na reinvenção dos acontecimentos para fora desses papéis, para a diluição dos mesmos no agenciamento com as visualidades cotidianas, abrindo-se a outras coisas, pessoas, lugares, situações, intensidades. Como afirma Schérer (2005, p.3), “aprender não é reproduzir, mas inaugurar; inventar o ainda não existente, e não se contentar em repetir um saber”. Quando desejamos aprender algo, nossa motivação não está no saber adquirido sobre esse algo, mas nas potencialidades que movimentamos através das relações entre uma série de saberes e os encontros recombinaados através deles. Quero aprender a andar de bicicleta para, sobre ela, ver a paisagem de outro modo, sentir o vento com outras intensidades, exercitar meu corpo e chegar a lugares antes inalcançáveis.

Não queremos aprender a andar de bicicleta para saber andar de bicicleta simplesmente, mas para ultrapassar esse saber, para viver algo que não pode ser descrito ou reproduzido, ainda que conheçamos todos os movimentos e leis físicas necessários para o equilíbrio sobre duas rodas.



Aquilo que vemos não possui um sentido fixo. Não aprendemos aquilo que nos é ensinado, a aprendizagem envolve nosso posicionamento em meio aos acontecimentos. Posicionamentos estes que se referem aos percursos que realizamos e às conexões que fazemos através deles. Ellsworth (2012) defende uma noção de aprendizagem como o caminho da experiência do corpo com conhecimentos vivos, distanciados de algo definido, ensinado e usado como ‘coisa feita’, ao passo que envolve afetos e sensações em processo. Por esse motivo ela procura pensar a pedagogia fora dos ‘lugares-comuns’ de ensino/aprendizagem formal, explorando como certos lugares e experiências anômalos potencializam o exercício do aprender. Pela justaposição de filmes, arquitetura, sons, vozes, intervenções, ela acredita ser possível criar novas ligações e alinhamentos em nossas visões de mundo, desde que façamos algo novo daquilo que pensamos conhecer, olhando o mesmo evento de ângulos diferentes.

Não iniciamos uma pesquisa sem esse desejo por inventar outros modos de percorrer caminhos de vida. Pesquisar é querer aprender a andar de bicicleta para produzir diferentes percursos pelas paisagens já exploradas. Cada novo olhar sobre uma visualidade pode se tornar um novo aprender a pedalar. Quando observamos, por exemplo, um muro pichado, podemos focar tanto nos materiais com os quais esse muro é produzido quanto nas questões sociais implicadas no fato de ele estar pichado ou mesmo nas razões pelas quais sentimos a necessidade de construir muros em frente às nossas casas. Podemos ainda ignorar a existência do muro ou da pichação e nos interessar pela paisagem escondida por trás dele, ou pelos acontecimentos dados na sua frente. Tudo dependerá de nossos afectos no instante em que nos relacionamos com esse acontecimento (olhar o muro), que inclui nossas experiências anteriores, nosso estado atual, e uma série de agenciamentos entre nosso olhar e aquilo que olhamos. A aprendizagem não está em conhecer técnicas de uso do spray ou as definições comumente utilizadas para diferenciar arte de vandalismo. A aprendizagem está no movimento entre meus percursos anteriores, meu corpo e as visualidades com as quais me deparo. Está mais no que eu sou capaz de produzir a partir do que vejo do que na apreensão de algo produzido por outros.

E como pensar isso para o desenvolvimento de uma pesquisa? Podemos produzir pesquisas que ultrapassem a dicotomia teoria/prática, enfatizando os processos contínuos de criação de realidades? Podemos fazer com que nosso próprio ato de pensar e escrever a pesquisa (e não só o resultado final) repercuta nos modos de ver e viver nos espaços sociais?



Entendendo que nossas relações com o mundo não se dão de modo linear, a pesquisa também não é um processo de ação-reflexão-aplicação, mas está no atravessamento entre espaços e tempos, entre aquilo que se vê e aquilo que se cria para dar conta de narrar os encontros vividos. Deleuze, em entrevista a Parnet (1998), fala do encontro como algo que pode se dar com pessoas do mesmo modo que pode também se dar com movimentos, ideias, acontecimentos. Como argumenta Deleuze (2003), “nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém, que não tem relação de semelhança com o que se aprende” (DELEUZE, 2003, p. 21). A aprendizagem, bem como a pesquisa, se dá enquanto processo de criação, onde não existem modelos, pois não cessa de se desmanchar e se reconfigurar.

Essas reflexões são aqui tecidas tomando como ponto de partida a filosofia da diferença, que aborda a questão do sujeito a partir da multiplicidade, diferentemente das filosofias de representação de Platão, passando por Descartes até a modernidade, que construíram suas ideias no âmbito da unidade (GALLO, 2008). Para a filosofia da diferença, o que interessa é aquilo que diferencia o objeto de si mesmo, pelo movimento em detrimento da comparação, pelas mudanças contínuas e atravessamentos que extrapolam identidades fixas ao passo que somos sempre muitos ao mesmo tempo a cada momento. Interessa ainda pensar as realidades sem nos limitarmos aos binarismos: o mal que se opõe ao bom, o professor ao aluno, a cidade estática ao transeunte passageiro, mas desenvolver um pensamento que remeta à exterioridade, que faça desaparecer a ideia moderna de sujeito, centrado em si mesmo, para pensar o outro enquanto tal, sem retorno a si, numa diferença pura, onde não cabem comparações (GALLO, 2008).

A diferença ‘pura’, como é chamada por Deleuze, trata de um diferenciar-se de si mesmo através de movimentos. Pensar em aprendizagem a partir da repetição na filosofia da diferença se distancia da repetição redundante comum aos conteúdos escolares, pois é uma repetição que nunca exige respostas iguais, trazendo em seu cerne a diferença. A aprendizagem só acontece pela diferença, como uma espécie de território momentâneo, constituído por desterritorializações e reterritorializações dadas pelos deslocamentos. Deleuze e Guattari (1995) falam da desterritorialização e da reterritorialização como processos concomitantes que se dão sempre entre duas séries heterogêneas. Não é um processo que se dá entre um estudante e um conteúdo de ensino, mas em diálogo entre meu corpo e o mundo, onde os próprios elementos do mundo se desterritorializam de uma noção de espaço territorial para se reterritorializarem nos escapes que meu corpo realiza ao adentrá-los.



Pela constituição de territórios intensificados a partir de recombinações incessantes, o que aprendemos não cessa de se modificar. Haesbaert e Bruce (2002) entendem a constituição de territórios pelo movimento mútuo entre agenciamentos coletivos de enunciação e agenciamentos maquínicos de corpos. Cada um desses agenciamentos atua de uma forma na construção dos territórios. Os agenciamentos maquínicos de corpos são regimes que regulam as relações sociais entre corpos – humanos, animais, cósmicos – (DELEUZE; GUATTARI, 1995), regimes tais como o alimentar, o sexual, o familiar, o capitalista, que organizam os comportamentos sociais no espaço da cidade, determinando certos limites de normalidade.

Já os agenciamentos coletivos de enunciação remetem a um regime de signos que efetua as condições da linguagem, sem se confundir com ela, possibilitando processos de subjetivação e movimentos de significância (DELEUZE; GUATTARI, 1995). É pelos agenciamentos coletivos que nos colocamos em territórios de fala, estabelecendo modos de comunicação e compreensão do espaço social.

Assim, segundo esses autores, o território seria constituído pelas intervenções mútuas entre esses dois tipos de agenciamentos, bem como pelas desterritorializações e reterritorializações dadas pelos deslocamentos. Aprender implica considerar tanto os agenciamentos maquínicos – os modos como os corpos se articulam nas relações sociais dadas pelos deslocamentos cotidianos – quanto os agenciamentos coletivos de enunciação – que indicam certos atributos aos corpos, recortando suas possibilidades de ação.

No caso de uma noção de aprendizagem em processo, o que se busca é promover ruídos no esquema sensório-motor que determina certos territórios. Esquema que, segundo Ulpiano (1995), “nos dá a apreensão do mundo e nos permite a devolução do movimento para o mundo”. Nessa perspectiva, Ulpiano fala desse esquema como algo que é experimentado com o corpo de modo a dar continuidade a ele, produzindo o homem tido como normal, aquele que faz a máquina social funcionar, que organiza linearmente as práticas sociais no tempo e no espaço, orientando como deve ser a vida em sociedade.

Aprender é receber movimento pelo sensório, mas ao invés de prolongar o movimento, começar a experimentar algumas dessas coisas de outra forma, sem necessariamente desconsiderar e saltar para fora dessa lógica. Ulpiano (1995) exemplifica isso através de uma experiência de Kafka, onde o escritor se submetia a insônias prolongadas para que isso produzisse outras relações afetivas com o



espaço e o tempo. Nisso, segundo Ulpiano (1995), consistiria a arte, em romper com essa natureza sensório-motora pela experimentação na própria vida. É aí que venho pensar o sentido de aprendizagem, enquanto aquilo que escapa da lógica motora, se diferenciando pela geração de novas percepções que atravessem o que nos é exposto.

Busco perscrutar as aprendizagens como experimentações de pesquisa na vida através do corpo que se desloca nos espaços sociais. Na medida em que transitamos e nos envolvemos com os acontecimentos cotidianos intentamos dedicar atenção aos rompimentos dos movimentos prolongados mecanicamente de modo a ir possibilitando relações com outros sentidos de mundo, e é nesses deslocamentos repletos de encontros inesperados que nossas pesquisas vão se delineando enquanto aprendizagens em processo.

3 Entre a escrita e a construção de uma pesquisa ‘aprendente’

Segundo Tourinho e Martins (2013), a prática de escrever é a construção de versões sobre a realidade pela nossa própria edição e criação de mundo. A escrita é mais do que a organização de materiais e ideias produzidos em uma pesquisa, ela é parte inerente aos processos de pesquisar. O modo como escrevemos, relacionando autores com imagens e achados das experiências, constrói caminhos narrativos dos acontecimentos dados ao longo da investigação e possibilita ao leitor traçar outros caminhos de aprendizagem a partir do que lê.

Gargallo (2003) vem abordar a narrativa não apenas como um modo de escrever, mas como um modo de pensar. Escrever implica em maneiras específicas de organizar o pensamento, de produzir sentidos sobre uma realidade, sem a pretensão de torná-los únicos. Aquilo que era entendido como um risco para a ciência hoje passa a ser uma opção que, sem a pretensão de dar conta de totalidades, abre caminhos para uma gama muito maior de produção da realidade que não se limita apenas àquela vista pelos olhares do discurso científico.

Para Gargallo (2003), cada vez que contamos uma história, reconstruímos o mundo conforme nossas limitações. Narrar é ampliar possibilidades de existência, é investigar modos de fazer pesquisa e de multiplicar aprendizagens.

Com esse posicionamento reconheço meus percursos de pesquisa não só pela relação entre espaço e aprendizagem, mas também na intersecção com uma escrita que comporte uma presença poética das imagens e pensamentos que modificam modos de ver o cotidiano de uma cidade, o que me leva a experimentar uma Investigação Baseada nas Artes (IBA).

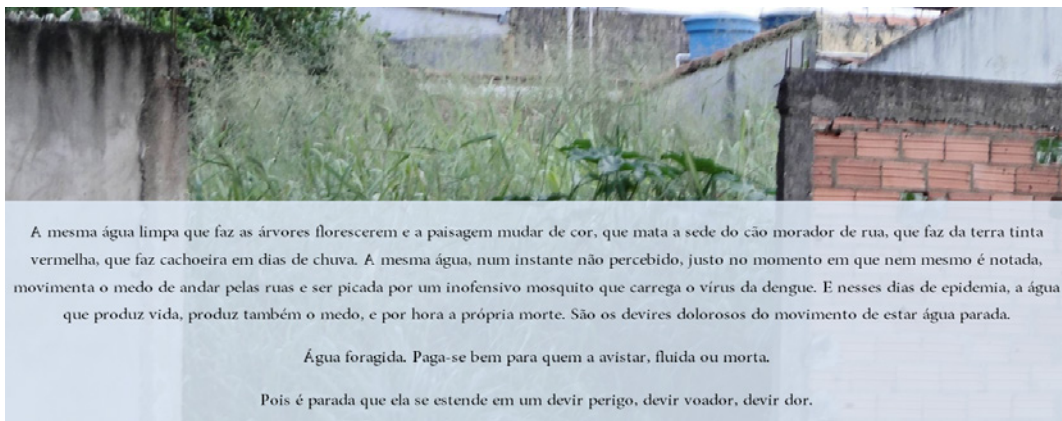


Figura 1: Narrativa e imagem. Fonte: Projeto de Tese da Pesquisadora

Segundo Barone e Eisner (2006), a pesquisa baseada nas artes apresenta qualidades estéticas que interferem tanto no processo da investigação quanto na própria redação do texto. Eles admitem que muitas outras formas de investigação fazem uso de características semelhantes, mas o que a diferencia é que, ainda que outras formas não tradicionais de pesquisas educacionais favoreçam o uso das imagens e os discursos em torno delas, ela busca operar uma transmutação de sentidos e pensamentos sob a forma estética. Experimenta-se “com o texto” (BARONE; EISNER, 2006) e não através dele ou nele a partir de outra experiência.

Partir de percepções de trajetos, de contatos com o cotidiano e suas visualidades, é um caminho possível para adentrar o campo da aprendizagem pelas relações entre os lugares que percorremos e os modos como nos relacionamos com eles, mais do que focar o ato de aprender em um campo específico do saber. Através de trajetos sobre o cotidiano vivido podemos explorar outras aprendizagens em torno de como se vive e como se produz intensidades com o presente vivido. É o que a Investigação Baseada nas Artes (IBA), a partir de Hernández (2013) e Oliveira (2013), possibilita para o desenvolvimento de pesquisas que vinculam, a partir de uma dupla relação, a investigação com as artes. Por um lado, a partir de uma instância epistemológica metodológica, da qual se questionam as formas hegemônicas de pesquisa centradas na aplicação de procedimentos que ‘fazem falar’ a realidade; e por outro, por meio do uso de procedimentos artísticos (literários, visuais, performativos, musicais) para dar conta dos fenômenos e experiências a que se dirige o estudo em questão (HERNÁNDEZ, 2013, p.25). Em pesquisas que carreguem esse tipo de olhar não interessa tanto a arte produzida, mas o que produzimos em nós a partir dela e em como essas produções reverberam em nossos encontros com o mundo.




Não se trata apenas da utilização de visualidades artísticas intercaladas com a escrita do texto, mas de uma escrita que já é em si mesma artística, provocando outros modos de se relacionar com ela e com as imagens, onde há sempre aberturas para a criação por parte do leitor. O lugar da arte é o de provocar tensões de ideias que escapem à objetividade informacional, que produzam e reverberem encontros de cada indivíduo com o mundo. Como diz Hernández, “contar uma história que permita a outros contar(se) a sua” (2013, p. 47) em uma narrativa que não se limite à linguagem escrita, incluindo as imagens como potencializadoras de outras construções de sentidos, não falando por si mesmas, tampouco servindo como ilustração para o que se diz. O próprio ato de escrever, de organizar ideias e colocá-las em diálogo com imagens, produz uma realidade não menos válida do que a realidade também criada através de nosso contato com o mundo.

Para que a imagem produza diálogos e não representações, decalques, ilustrações do texto, podemos investir em ressonâncias e tensionamentos entre os elementos de pesquisa para estabelecer um percurso ainda indefinido, tal como Oliveira (2013) caracteriza o desenvolvimento de uma investigação baseada nas artes.

Nesses deslocamentos entre imagens, cotidiano, escrita e aprendizagem, tenho desenvolvido uma pesquisa de doutorado onde a exploração de modos de aprender ganha tanta importância quanto os modos de fazer pesquisa que potencializam um aprender aberto às invenções. Dos percursos cotidianos experimentados por mim na cidade de Goiânia/GO, vou traçando, ao longo de minha pesquisa de doutorado, olhares de figuras estéticas a partir das quais vou percebendo outros modos de me relacionar com os espaços atravessados, entre fotografias e narrativas inventadas a fim de expandir aprendizagens em torno dos territórios de um bairro da cidade. Com isso desenvolvo uma escrita que não pretende esgotar as possibilidades do bairro, mas ampliá-las a partir de reconexões entre o que vejo e aprendo das visualidades pela escrita de narrativas acerca delas e posterior contato com moradores, no intuito de explorar como devires de aprendizagem vão atravessando percursos em meio às visualidades urbanas cotidianas.

Assim, vou experimentando olhar e viver esses lugares de modos diferentes, desterritorializando meu olhar pragmático de moradora em função da criação de narrativas escritas e visuais que ultrapassem as percepções iniciais. Ao fotografar algumas visualidades que me afetam em meus percursos posso narrar tanto o ato de fotografar quanto outras relações vividas na visualização da imagem. E ao devolver



essas imagens para a cidade em intervenções imagéticas urbanas, encontro, nos olhares de outros moradores, reterritorializações que conduzem minhas percepções a outras narrativas, impensadas sem a presença deles.

Mas é na escrita da pesquisa, entre imagens, autores, narrativas inventadas e reinventadas pelo deslocamento de visualidades pela cidade, que os atravessamentos dados com pessoas, objetos, paisagens, animais e acontecimentos assumem protagonismos narrativos que fazem oscilar o 'eu' pesquisadora, revelando caminhos para explorar a aprendizagem como uma produção coletiva de sentidos sobre o mundo.

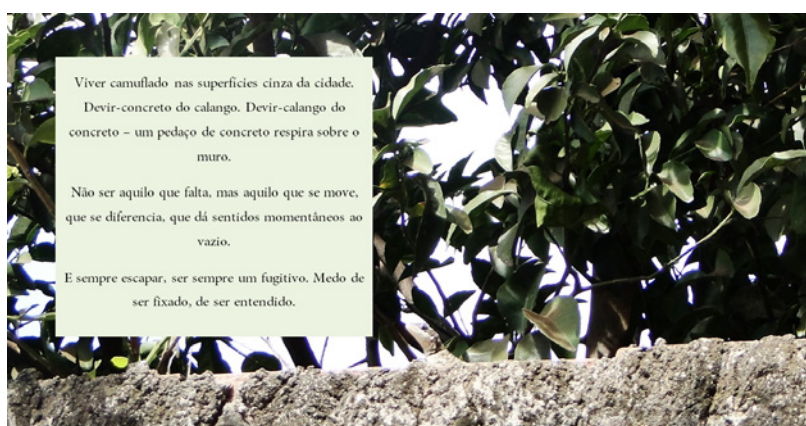



Figura 2: Narrativa e imagem. Fonte: projeto de tese da pesquisadora

Pelos deslocamentos promovo os descompassos das narrativas que vou produzindo. Pensando em um modo de conhecer (ou inventar) um pouco mais da cidade, de tentar sair das repetições diárias para a imersão em suas diferenças, escrevo narrativas sobre um cotidiano que não possui relevância histórica, tentando atuar na esfera do micro, das pequenas ações, dos pequenos prazeres, como um convite para que outras pessoas possam encontrar aprendizagens em seus próprios cotidianos.

Penso a aprendizagem como processo de criação independentemente do ensino de conteúdos específicos, sendo ela entendida enquanto invenções de possibilidades de vida. Estas podem alimentar e ser alimentadas por meio da produção de narrativas que justapõem acontecimentos, escapando às lógicas lineares espaço-temporais de deslocamentos físicos, trazendo algo novo para pesquisas que tratam do corriqueiro de uma cidade.

4 Para continuar

Nos caminhos de fazer pesquisa não necessitamos propor respostas para o problema da aprendizagem, mas propondo a realização de encontros, desde a leitura



do texto até sua conexão com outros percursos explorados pelo leitor, aprendizagens inevitavelmente se produzirão. A aprendizagem na pesquisa está no ato de assumir para si os afectos produzidos entre os agenciamentos de um percurso para reconectá-los a novos percursos, novas pesquisas, novas docências, novos olhares sobre o mundo, num processo de reinvenção.

O que posso trazer como resultados de minha investigação são processos narrativos que falem de cotidianos inventados e vividos enquanto aprendizagem, explorando até onde as visualidades cotidianas e urbanas podem enriquecer o imaginário de quem aceita ser tocado por elas. Não almejo listar potencialidades de certas figuras urbanas específicas, mas expandi-las, fazê-las vazar de tal modo que o leitor encontre mais perguntas do que explicações. Perguntas estas capazes de também movimentar suas próprias aprendizagens, convidando-o a aprender pelo processo de ler e ver, e desafiando-o a construir suas próprias noções de aprendizagem, pela experiência de se movimentar por entre narrativas.

Referências Bibliográficas

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos**. 2.ed. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.


ELLSWORTH, E. **Places of learning: media, architecture, pedagogy** Nueva York: Routledge, 2012.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GARGALLO, Francesca. Intentando acercarme a una razón narrativa. **Revista Intersticios**. Filosofía, arte, religión. Universidad Intercontinental, Ciudad de México, Año 8, n. 19, 2003.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Revista GEOgraphia**, Niterói, ano IV, n.7, p.7-31, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. A Pesquisa Baseada em Arte: propostas para repensar a pesquisa em educação. In DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**.2013. p. 39-62.



TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da cultura visual. In TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (Orgs.). **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p.61-76

Documentos Eletrônicos

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Contribuições da perspectiva metodológica 'investigação baseada nas artes' e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. In **Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPED**. Goiânia: UFG, 2013. Disponível em <http://36reuniaio.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_2792_texto.pdf>. Acesso em 03/05/2014.

SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. Tradução de Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. In **Educ. Soc.** Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1183-1194, Set./Dez. 2005. Disponível em <www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 08/11/2012.

ULPIANO, Cláudio. **Personagem conceitual e personagem estético**, Aula 9, fev. 1995. Disponível em <<http://claudioulpiano.org.br.s87743.gridserver.com/?p=1556>>. Acesso em 16/05/2014.

Minicurrículo

Tamiris é doutoranda em Arte e Cultura Visual (UFG), Mestre em Educação (UFSM), Graduada em Artes Visuais (UFSM). Integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Arte, Educação e Cultura (UFSM) e do Grupo Cultura Visual e Educação (UFG).